

Pernambuco

Casa de Farinha, mandioca e tecnologias sociais transformam realidade no Semiárido



Nilza Batista e sua filha, Kaylane Lima Santos, em frente à Casa da Farinha

Na Serra do Valado, município de Ipubi, no Semiárido brasileiro, onde o sol intenso e a escassez de água são desafios constantes, histórias como a de Nilza Diva Gomes Batista destacam a força de quem resiste e prospera. Aos 48 anos, ela comanda uma casa de farinha, cultiva mandioca e cria animais em sua propriedade. Com o apoio da ONG Caatinga e o uso de tecnologias sociais, Nilza transformou a vida de sua família e de sua comunidade.

Nilza iniciou sua trajetória na agricultura aos 15 anos, seguindo os passos dos pais e irmãos. Hoje, em sua propriedade herdada, ela lidera uma cadeia produtiva familiar. A casa de farinha, que começou com seu pai, a partir de 2008 passou a ser administrada pela herdeira, reestruturando o espaço e adquirindo novos equipamentos para melhorar a produção.

"Nosso trabalho vai do plantio à produção da farinha. Arrancamos a mandioca da roça, raspamos, lavamos, fazemos a goma e torrmos a massa. Durante a seca, produzimos intensamente; nas chuvas, voltamos ao plantio", explica Nilza. A produção envolve farinha, goma, puba e até o aproveitamento das cascas da mandioca para alimentar os animais.

Os desafios da seca e o sucesso das tecnologias sociais

A falta de água sempre foi a principal barreira enfrentada por Nilza. Antes de 2010, ela dependia de carros-pipa e armazenava água em reservatórios improvisados. "Era um sofrimento enorme. Tínhamos que carregar água na cabeça por quilômetros ou pagar pelo transporte. Isso limitava nossa produção e nossa qualidade de vida", lembra.

A transformação veio com a chegada das tecnologias sociais. Nilza recebeu duas cisternas: a de 16 mil litros, em 2006, destinada ao consumo humano, e a calçadão, em 2010, com capacidade para captar água da chuva para uso produtivo.

Essas tecnologias, implantadas pelo Programa Um Milhão de Cisternas (PIMC) e pelo Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), mudaram radicalmente a rotina da agricultora. "Com a cisterna calçadão, conseguimos lavar a goma e produzir farinha sem precisar comprar água. Aumentamos a produção de dois sacos por semana para mais de mil quilos. É uma diferença gigantesca", celebra Nilza.



Os frutos do trabalho e o futuro sonhado

Hoje, Nilza cultiva mandioca, milho e feijão, árvores frutíferas, cria gado, porcos e galinhas, e planeja expandir suas atividades com novos plantios e um criatório de galinhas. No entanto, ainda enfrenta desafios, como a falta de transporte para levar os produtos à feira. "A maioria dos compradores vem até minha casa, mas quando preciso ir à feira, os custos de transporte dificultam muito", explica.

Apesar disso, Nilza mantém o olhar esperançoso para o futuro. "Meu sonho é diversificar mais a produção e melhorar ainda mais nossa vida", afirma.

A transformação como inspiração

A história de Nilza reflete o impacto transformador das tecnologias sociais e da força do povo sertanejo. Para ela, a mensagem que fica é de coragem e fé. "Peço a Deus que tudo dê certo e encorajo quem quer seguir esse caminho. Com trabalho e apoio, a gente realiza os sonhos", conclui.

Nilza e sua comunidade provam que é possível prosperar no Semiárido, equilibrando tradição e inovação. A água captada pelas cisternas não é apenas um recurso; é símbolo de esperança, resiliência e do poder das soluções coletivas para enfrentar os desafios da região.

